



O controle de pragas em hortaliças deve merecer especial atenção, tanto por parte dos agricultores como por parte dos profissionais ligados ao setor e, principalmente, pelos consumidores.

É sabido que esse controle é feito quase que exclusivamente através de produtos químicos como inseticidas e acaricidas, de forma totalmente indiscriminada e na maioria das vezes preventiva, visando atender exigências de mercado baseadas em padrões "cosméticos". As conseqüências desse uso abusivo são amplamente conhecidas: desequilíbrio, poluição ambiental, resistência das pragas à maioria dos produtos comerciais existentes, aparecimento de pragas novas e intoxicação humana. Uma diminuição, portanto, da qualidade de vida.

Torna-se imperiosa a busca de alternativas, sendo que o controle biológico ocupa papel de destaque nas técnicas de manejo de pragas.

O controle biológico utiliza parasitas, predadores e patógenos para manter as pragas em equilíbrio, ficando suas populações abaixo do nível de dano econômico de controle. É muito difícil mensurar o papel desse controle biológico natural. No entanto, quando ocorre um desequilíbrio, as conseqüências são facilmente visíveis, como a ressurgência de pragas e o

surgimento de novas pragas, antes consideradas secundárias.

A primeira conduta a ser adotada na execução do controle biológico seria a manutenção de um complexo de inimigos naturais, através da adoção de inseticidas seletivos. Verifica-se que existem limitações na utilização de parasitas como agentes de controle às pragas das hortaliças. Em geral, estas são culturas de ciclo curto e o parasita não tem tempo de se estabelecer na área. Técnicas mais sofisticadas de manipulação desses inimigos naturais, através da criação massal e liberação em campo, não apresentam viabilidade em virtude da eliminação dos parasitas através das pulverizações usadas no controle das demais pragas existentes, que não foram controladas pelos parasitas introduzidos. O custo dessa operação é outro fator limitante.

O controle biológico através do uso de patógenos apresenta alta potencialidade no controle integrado de pragas de hortaliças. Áreas relativamente pequenas, microclima favorável e facilmente manipulável através da irrigação, podem facilitar a adoção dessa tecnologia. A redução dos perigos de contaminação ambiental e dos riscos de intoxicação por parte dos aplicadores e consumidores, justificam plenamente os estudos que estão sendo realizados nesta área.

Infelizmente, o número de profissionais ligados à área de controle biológico de insetos é ainda extremamente reduzido no Brasil, embora venha despertando maior interesse nos últimos anos. É necessário sensibilizar os entomólogos para que passem a trabalhar também com hortaliças.

É um dever moral da classe agrônoma e de toda a sociedade estar unida visando coibir os exageros da utilização de produtos químicos no controle das pragas de hortaliças e suas nefastas conseqüências ao meio ambiente e ao homem. Novas técnicas alternativas de controle devem ser viabilizadas, estando reservado ao controle biológico, representado em nossa capa por pupas de *Apanteles* sp. parasitando uma lagarta, um relevante espaço. (Geni Litvin Villas Bôas).

Horticultura Brasileira, v. 1, n. 1, 1983 – Brasília,  
Sociedade de Olericultura do Brasil, 1983 –

Semestral

Titulos anteriores: v.1-3, 1961-1963, Olericultura,  
v.4-18, 1964-1981, Revista de Olericultura.

Não foram publicados os v.5, 1965; v.7-9, 1967-1969.

Periodicidade até 1981: Anual.

1. Horticultura – Periódicos. 2. Olericultura – Periódicos. I. Sociedade de Olericultura do Brasil.

CDD 635.05

Programa de apoio a publicações científicas

MCT

